

Vasco Moscoso de Aragão: a poética do duplo denunciador do descaso social brasileiro

Denise Dias (IFAm/IFGoiano)*

<https://orcid.org/0000-0001-9082-4174>

Mônia Franciele de Souza Dourado (IFGoiano)**

<https://orcid.org/0000-0001-9082-4174>

Resumo:

O presente artigo investiga o romance amadiano *Os velhos marinheiros ou o capitão-de-longo-curso*, de 1961, tomando como eixo condutor a poética do duplo. Objetiva-se analisar o modo que o escritor aborda a temática do duplo composição da personagem Vasco Moscoso do Aragão. Percebe-se que escrita de Amado expõe a invisibilidade dos sujeitos marginalizados. Para tanto, utiliza-se a pesquisa dedutiva, recorrendo ao conceito do duplo enquanto desdobramento de personalidade de Rosset, Bakhtin, Bravo e Freud. O conceito de máscara de Bakhtin, bem como os verbetes do dicionário de Chevalier foram aplicados. Examina-se as inovações promovidas pelo escritor no que concerne à poética do duplo, com a finalidade de precisar a contribuição específica do romance amadiano à crítica da exclusão.

Palavras-chave: Crítica à exclusão. Duplo. Jorge Amado. Os velhos marinheiros ou o capitão-de-longo-curso.

Résumé:

Vasco Moscoso de Aragão : la poétique du double dénonciateur de la négligence sociale brésilienne

Cet article analyse le roman amadien *Le vieux marin*, de 1961, en prenant comme axe directeur la poétique du double. L'objectif est d'analyser la façon dont l'écrivain aborde le thème de la double composition du personnage Vasco Moscoso de Aragon. À cette fin, la recherche déductive est utilisée, en utilisant le concept du double comme un déploiement de la personnal-

* Estágio pós doutoral pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, no programa de Crítica Cultural na área de letras. Doutora pela Universidade de Brasília em co-diplomação com a Université de Rennes II em Literatura e Langues, Littératures et Civilisations romanes. Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Graduada em Letras pela Universidade Federal de Goiás em língua Portuguesa / Frances. Lattes - <https://lattes.cnpq.br/3831323207268046>. E - mail : denise.dias@ifgoiano.edu.br

** Doutoranda em Letras e Linguística e Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Graduação em Letras - Português/Espanhol .Lattes - <http://lattes.cnpq.br/2105064931394612>
E -mail: monia.dourado@ifgoiano.edu.br

té, de Rosset, Bakhtine, Bravo et Freud. Le concept de masque de Bakhtine ainsi que les entrées du dictionnaire de Chevalier sont appliqués. Il examine les innovations promues par l'écrivain en ce qui concerne la poétique du double, afin de préciser l'apport spécifique du roman amadien à la critique de l'exclusion.

Mots-clés: Critique de l'exclusion. Double. Jorge Amado. Les vieux marin.

Introdução

Jorge Amado nasceu no estado da Bahia, em 1912. O escritor brasileiro é considerado como um importante romancista da literatura brasileira do século XX, além de forte militante político. Faleceu em Salvador, em 6 de agosto de 2001, aos 88 anos, deixando um legado literário e político de grande valor.

Desde jovem, demonstrou interesse pela literatura e pela política. Começou a escrever aos 14 anos e com 16 anos já participava de movimentos políticos estudantis. Com 19 anos, iniciou sua carreira literária publicando o romance: *O país do carnaval*, 1931. O escritor baiano escreveu várias obras literárias que retratavam com humor, ironia e poesia a vida e a cultura do baiano, numa grande metonímia do povo brasileiro, suscitando temas como: a luta dos camponeses e dos marinheiros; a exploração dos coronéis, as tradições populares além do sincretismo religioso e da crítica social brasileira.

Amado foi um escritor que assumiu um posicionamento ante os problemas sociais, políticos e culturais do seu tempo, tendo em vista as relações de força e domínio determinantes na construção da identidade da nação brasileira. Assim, escolheu por manifestar sua solidariedade aos oprimidos e excluídos, um verdadeiro grito contra a opressão.

É com tais perspectivas que, para este estudo, separamos a obra *Os Velhos Marinheiros ou capitão-de-longo-curso*, publicada em

1961, cujo intuito é refletir sobre a estética do duplo na personagem de Vasco Moscoso de Aragão. A obra de ficção literária é a recomposição da biografia da personagem Vasco Moscoso de Aragão, na intrigante aventura de um narrador não nomeado, que anseia ganhar um concurso literário. A narrativa tem por espaço principal o pequeno e pacato balneário de Periperi, no litoral de Salvador. Os habitantes, na maioria aposentados e idosos, viram suas vidas serem transformadas depois da repentina chegada do Capitão-de-longo-curso à comunidade, senhor de histórias fantásticas de aventuras em alto mar – peripécias mirabolantes, romances com mulheres sensuais – que encantavam os moradores do lugarejo.

A narrativa não ocorre de maneira linear; o leitor é apresentado às várias opiniões do narrador, que não é confiável, mesmo sob a promessa de narração imparcial, buscando revelar a verdadeira biografia de Vasco Moscoso de Aragão. No decorrer da obra literária, os costumes das personagens secundárias que desfrutavam uma vida de aparências são demonstrados, evidenciando as mazelas do capitalismo florescente e a conseqüente exclusão dos oprimidos e renegados pela sociedade brasileira. São doutores ilustres, ricos comerciantes, senhoras de respeito, funcionários públicos e desocupados. Assim, a vida cotidiana regrada e monótona do vilarejo litorâneo baiano é contraposta às aventuras do marinheiro que

não distingue verdade e fantasia. O humor, a ironia e a sátira entrecortam a narrativa, apresentados a partir de circunstâncias ambíguas e paradoxais.

Nessa esfera, a estética do duplo é concebida como representação do desdobramento do “eu”. Tal recurso literário é a aplicação da duplicação do “eu”, ou seja, a projeção da personagem que posteriormente se consubstancia em outra entidade. Portanto, na problemática do duplo é comum o rompimento da fronteira entre o real e o fantástico.

É com as referidas considerações que procuramos problematizar sobre a estética do duplo da personagem Vasco Moscoso de Aragoão.

A busca da identidade

Seguindo a temática do fantástico na literatura temos que Roger Caillois, no *Dictionnaire des genres et notions littéraires* (CAILLOIS, 1997, p.289-299), contrapõe as duas formas literárias de tratamento do sobrenatural: o maravilhoso e o fantástico. No gênero maravilhoso, o sobrenatural tem explicação racional, enquanto no gênero fantástico não existe tal racionalidade. O que sustenta tais gêneros na literatura é o aspecto da ambiguidade. Portanto, a leitura ambígua estabelece a situação primordial para que a literatura fantástica e maravilhosa permaneça nas obras durante os séculos, mesmo com o advento da utilização dos estudos da Psicanálise para a explicação desses recursos literários, como é o caso da duplicação, do vampirismo, dos espelhos e até dos fantasmas.

O arquétipo do duplo refere-se à ambiguidade criada a partir de uma personagem que questiona a veracidade de fatos, com a intensão de promover a incerteza no leitor. Logo, conforme a dúvida se instala, sobrevém o estranhamento. Assim, a duplicação

é a presença de outra entidade que representa um desdobramento do original. Esse sujeito tem a função de dar continuidade à consciência e finitude do ‘eu’.

Na antiguidade, o duplo simbolizava o idêntico. Em seguida, com o surgimento do cartesianismo e da relação sujeito-objeto, passou a representar o ser heterogêneo, a divisão do “eu”, o fracionamento do *ego* e *alter ego*. O ser fracionado é orientado por forças opostas gerando o conflito interno que o divide entre o mundo real e o imaginário, da mesma forma entre as imposições da vida social *versus* os desejos e instintos individuais.

Na atualidade a maioria dos estudos sobre estética do duplo favorece o lado psicológico. Esse mito pode representar a meta-de incompreendida do “eu”, ou mesmo, a dificuldade, a recusa de aceitar o real, como aborda Rosset (1985). Nesses casos a ilusão é a forma mais coerente do afastamento da realidade, pois, “nela (a ilusão) a coisa não é negada: mas apenas deslocada, colocada em outro lugar” (ROSSET, 1985, p. 23). Na literatura, ocorre, então, o desdobramento da personalidade das personagens. Nesse sentido, o duplo pode simbolizar o conhecimento e a consciência “de si mesmo, entre o *eu* cognoscente e consciente e o *eu* conhecido e inconsciente” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2005, p. 353).

No contexto, a obra seiscentista *Don Quixote de la Mancha* é um forte exemplo do fracionamento do “eu” em que o protagonista, ao assumir-se como Dom Quixote, um cavaleiro à moda das novelas medievais de cavalaria, lança mão da paródia como forma de crítica, conforme é explicado por Bravo (1998) no trecho abaixo:

[...] rompe com a biografia de Don Quixano, modesto fidalgo de província, 50 anos, egoísta e solitário. Preferiu morrer para o mundo

e renascer sob a forma do “reparador de danos” que institui Rocinante e Dulcinéia: é a escolha da verdadeira vida, a instituição de um outro mundo dentro deste em que vivemos (BRAVO, 1998, p. 267).

É nessa esteira que encaixamos a personagem ambígua criado por Jorge Amado na narrativa *Os Velhos Marinheiros ou capitão-de-longo-curso*, Vasco Moscoso de Aragão. Essa *persona* é uma construção de si, o encontro do *eu* com seu *outro*. Nesse caso, o duplo psicológico por ser uma espécie de ‘outro eu’ que pré-existe no sujeito, contudo representado pela criação de uma entidade separada, autônoma e independente, já que a experiência do ‘duplo’ pode surgir de diferentes traumas e vivências.

Ao leitor, ávido da verdadeira história da misteriosa personagem Vasco Moscoso de Aragão, o narrador de *Os Velhos Marinheiros ou o capitão de Longo Curso* declara que realizará uma pesquisa com rigor científico para desvendar a origem do mistério. Aqui, nos deparamos com a apresentação de uma personagem possuidora de duas versões biográficas.

A primeira versão da biografia da personagem Vasco Moscoso de Aragão foi a revelada por ele próprio. Anunciava ser um marinheiro, aposentado dono do título da Marinha Mercante de Capitão-de-longo-curso. Durante a trajetória de capitão, vivera muitas aventuras, e agora, no outono da vida escolheu a pacata Periperi para descansar.

A outra, foi apresentada por Chico Pacheco, para quem o Capitão era uma fraude. Conhecido sob o nome de Aragão, era homem desprovido de qualquer talento, boêmio que usou da argúcia para se beneficiar, cujo traço dominante foi a patifaria. Morava em Salvador, estava sempre a frequentar os bordéis e cabarés, sustentado por seu avô comerciante português.

É importante destacar a construção do narrador em *Os velhos marinheiros ou o capitão-de-longo-curso*, visto as formas mistas de narração: em primeira e em terceira pessoa. Dispomos, nessa obra: de uma entidade que conta a pseudo-autobiografia, e que também, relata a biografia de Vasco Moscoso de Aragão.

Seguindo essa linha, temos um tipo de narrador que é autodiegético e intradiegético ao relatar as lembranças de vida dele, em determinados segmentos da obra; em outro, é heterodiegético e extradiegético responsável pela contação do mundo ficcional de Vasco Moscoso de Aragão, com voz no tempo de narração posterior, uma vez que é o que atenderia de maneira mais adequada à manipulação ideológica do narrador-personagem.

Sob o olhar do narrador heterodiegético, Aragão é apresentado ao leitor no início da narrativa como um “cidadão baixote e truncado, de rosto avermelhado, nariz adunco, vestido com aquele extraordinário paletó” (AMADO, 2009, p. 32) e cabelos prateados. Já pela descrição física percebemos que se trata de uma personagem singular, prosaica, com aparência bizarra, sem nenhuma semelhança com os heróis canônicos.

Todavia, ainda que ausente os aspectos físicos de nobreza, a composição dessa personagem revelou o toque requintado de elegância e beleza na passagem da descrição da vestimenta - “vestido com aquele extraordinário paletó” -, o que descortina a vaidade, revelando o aspecto psicológico dela. Mesmo não portando os traços físicos característicos da burguesia, a vestimenta mostra o contrário. Dessa forma, o olho de leitor cuidadoso começará a perceber os traços paradoxais em Aragão, ambíguos, prenúncios da manifestação da estética do duplo.

No momento do desembarque de Vasco Moscoso em Periperi, percebemos, além do

clima de grande assombro e admiração dos pacatos moradores da região, o aspecto importante do caráter dessa *persona*, leiamos a cena:

Formou-se uma espécie de pequeno cortejo a desfilar na rua: à frente, decidido e sereno, o comandante.

[...]Ao chegar ao alto, deixou-se ficar parado, os braços cruzados sobre o peito, a fitar as águas. Assim imóvel, o rosto contra o sol, a cabeleira ao vento (aquela suave e permanente brisa de Periperi), semelhava um soldado em posição de sentido num desfile ou, dada sua imponência, um general em bronze numa estátua. Vestia um estranho paletó, onde havia algo de túnica militar, azul e grosso, de gola ampla. Zequinha Curvelo, leitor assíduo de romances de aventuras, adivinhou estar ali, diante deles, em carne e osso, um homem do mar, habituado aos navios e às tempestades. Murmurou sua impressão aos outros, paletó parecido com aquele ilustrava a capa de um romance de aventuras no oceano, história de frágil veleiro em meio a um mar de temporais e sargaços. O marinheiro na capa vestia um paletó assim. ... Parecia, no entanto, não vê-los, não se dar conta de sua presença e curiosidade (AMADO, 2009, p. 21; 22).

A citação acima aponta uma particularidade característica da personalidade do Comandante: o sentimento de superioridade. Revela o desdém do recém-chegado pelos os seus 'novos concidadãos' - "Parecia, no entanto, não vê-los, não se dar conta de sua presença e curiosidade". Além da absoluta despreocupação com o fato de poder ou não integrar-se a comunidade da pacata Periperi.

Apesar da postura envaidecida, Vasco foi admitido imediatamente pela comunidade local. Conquistou a admiração de todos. Como ilustra a citação acima, além de "penetrar" nos "círculos dos vizinhos", "penetrou também e definitivamente na admiração de

seus novos concidadãos" (AMADO, 2009, 21-22). É como se desfrutasse de um poder mágico, hipnótico. O poder de subjugar as pessoas. A presença do marinheiro despertou o pacato vilarejo, quiçá ávido de acontecimentos. Daí, a facilidade com a qual foi acolhido e bajulado.

Vasco Moscoso é a personagem de maior destaque nessa obra ficcional, desvelando, desde o início da narrativa, um sujeito multifacetado. Uma personagem que não se aceitava. De alguma maneira, poderia estar, simultaneamente, projetado em uma outra entidade que ele conhece ou não, mas que certamente existe. A ambiguidade se manterá até o final da obra.

Ao estudar a duplicação de personalidades, Jung (2012) considerou que o duplo está relacionado com o conceito de sombra o que explica fenômenos como a dissociação, a personalidade múltipla e a criatividade. O confronto com o inconsciente para o psiquiatra, pode dar voz e expressão às fantasias como funcionamento da psique. Assim, na medida em que o inconsciente encontra espaços de expressão, a consciência perde a liderança e possibilita a transformação da realidade. Logo, uma nova consciência, com total incorporação da identidade mais secreta, o Self, se torna visível e perceptível: "Assim pois, sem que o perceba, a personalidade consciente, como se fora uma peça entre outras num tabuleiro de xadrez, é movida por um jogador invisível. É este quem decide o jogo do destino e não a consciência e suas intenções" (JUNG, 2012, p. 50).

Sob esse prisma, a busca de identidade mais profunda em Vasco Moscoso de Aragão é percebida na narrativa quando Vasquinho, a personagem original, para sair da marginalidade social se metamorfoseou em Capitão-de-longo-curso, por meio do título e da patente, já que à época, a gradua-

ção era primordial para a ascensão social, como bem observa o narrador: “um título recomenda um nome, dá-lhe importância, abre portas e braços, força a consideração” (AMADO, 2009, p. 117-118). Assim, entre arranjo social e burla de provas no Concurso da Marinha Mercante, Seu Vasquinho se transmuta em Capitão-de-longo-curso.

O duplo, então, se manifesta na construção do “outro” com as características opostas de Vasco Moscoso de Aragão, entre devaneios e sonhos, de maneira a permitir diálogos entre a *persona* e a sombra. De tal forma que a identidade mais submersa do inconsciente da personagem eclode, transmutando a personalidade.

Jorge Amado utiliza o tema do duplo para discutir a sociedade moderna. No decorrer da narrativa, a personagem coloca o leitor para refletir sobre os valores sociais e na forma como o ser humano perde a identidade sem perceber. Instalado numa cultura burguesa, Vasco é obrigado a assumir outra identidade como forma de sobrevivência. Para tanto, cria um indivíduo e uma vida singular de forma a satisfazer os desejos trajados pela sociedade massificadora.

É fato que 1930, de acordo com Antônio Candido, foi uma década de grande analfabetismo em toda América Latina. No Brasil, o quadro de “políticas educacionais” eram “ineptas ou criminosamente desinteressadas” (CANDIDO, 2002, p. 142). Foi um período histórico em que os títulos e patentes se transformariam em pré-requisitos para a integração na sociedade burguesa. Em vista disso, Amado anuncia por meio de suas personagens, nessa obra, a modernização do país e a decadência do poder das oligarquias.

É possível constar tal preocupação na fala da personagem Madalena Pontes Mendes, donzela descendente de barões e pre-

tendente à esposa de Vasco Moscoso de Aragão. A cena é descrita no capítulo “Da realidade e do sonho, a propósito de títulos e patentes”, é a metáfora da estrutura social e política do período. Com o discurso de Madalena, Vasco percebeu sua condição de marginalização social, o que proporcionou a visão aterrorizadora da sociedade brasileira na primeira metade do século XX. Ante a tal contexto sócio-cultural é que resulta a imensa preocupação dele com relação à aquisição de “títulos republicanos, universitários, carta de doutor, patente de oficial do Exército ou da Marinha” (AMADO, 2009, p. 106), como único meio de conseguir avançar na escada social.

Nesse momento, a sombra emerge como o arquétipo do duplo em Vasco Moscoso com a intenção de denunciar a opressão social de forma ambígua e irônica. O “outro”, o Capitão-de-longo-curso, o grande comandante da Marinha Mercante, sócia do folgazão Aragãozinho, gera um cotidiano que ocupa a consciência da personagem que se reconhece mais Capitão do que boêmio.

O Capitão-de-longo-curso tem habilidade de mascarar a realidade em busca do desejo de reconhecimento social. O mito do duplo apresenta o anseio humano de recriar a vida, logo a criatura se transforma em criador. A representação do outro aconteceu por intermédio da duplicação da personagem, da divisão de si mesmo. A própria representação do *alter ego*, a constatação do *eu-outro*.

Por consequência, toda duplicação sugere o original e a cópia (o duplo), o que deixa em evidência, é que o duplo nunca será pariforme ao original para que esse não seja anulado, apresenta contradições em sua personalidade, comportamento ou ações. Bakhtin, na mesma linha de pensamento, atesta que a “individualidade não teria exis-

tência se o outro não a criasse” (BAKHTIN, 2011, p. 55), o duplo será, então, o discurso do outro.

Sob esse ângulo, percebemos que a personagem, Vasco Moscoso de Aragão, viveu uma crise de identidade, pois se percebia rebaixada na elite burguesa. A conquista da patente de Capitão-de-longo-curso desencadeou a grande transformação quer no aspecto físico quer no psíquico, proporcionando o “deslocamento social e cultural” (CARREIRA, 2002, p.103). Esse processo de transformação e de reconhecimento do *outro* é entendido não como resultado, mas como um ponto de partida – o recomeço. Nesse contexto, Shirley Carreira explica que:

O sintoma da crise é, portanto, o declínio das velhas identidades, pautadas em paradigmas de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que foram a marca da estabilização do mundo social, gerando o surgimento de novas identidades e a fragmentação do indivíduo... O que gera a crise de identidade é a ação conjunta de um duplo deslocamento, a descentralização dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos (CARREIRA, 2002, p. 103).

O mito do duplo implica na contemporaneidade, além da divisão e o fracionamento do *eu*, o próprio deslocamento humano numa sociedade contraditória com várias divisões sociais. Tais fracionamentos desarticulam as “identidades estáveis” e promove o conflito com novas identidades (CARREIRA, 2002, p. 104). O que fica demonstrado, então, é que o ser humano está constantemente se adaptando a novas realidades, em pleno processo de construção.

No discurso romanescos de *Os velhos marinheiros ou o capitão-de-longo-curso*, Jorge Amado descreve uma personagem como sujeito que sofre as consequências de um

momento histórico-social, e que denuncia as práticas de exclusão e de dominação social. Vasco assumiu uma nova essência incorporando experiências alheias com a esperança de promoção social. A maneira em que o duplo é trabalhado se assemelha com o entendimento de Freud: que o outro pode ser ao mesmo tempo familiar e estranho. Um ser que mora dentro do eu-original e, nas palavras do psicanalista: ou “devem ser consideradas idênticas porque parecem semelhantes, iguais. Ou é marcada pelo fato de que o sujeito se identifica com outra pessoa, de tal forma que fica em dúvida sobre quem é o seu eu (*self*), ou substitui o seu próprio eu por um estranho” (FREUD, 2007, p.277). Enfim, é a busca da verdadeira identidade.

Jorge Amado revisou o mito do duplo, colocando em questão os conflitos sociais, refletindo assim, sobre a burguesia excludente. O escritor pinta uma sociedade que é dominada pela aparência em oposição à realidade. Vale mencionar, mais uma vez, as palavras de Bravo:

O mundo é uma duplicata: tudo não passa de aparência, a verdadeira realidade está fora, noutro lugar; tudo o que parecer ser objetivo é na verdade subjetivo, o mundo não é senão o produto do espírito que dialoga consigo próprio (BRAVO, 1998, p. 270).

Nesse sentido, Eduardo Portella acrescenta sobre a literatura de Jorge Amado: “o programa de descontração poética implica na descentralização do sistema, [...], a valorização da margem, o advento do anti-herói. São modos de contestação do poder prolongadamente oligárquico, ou de precoce recusa do liberalismo tardio” (PORTELLA, 2011, p. 18). O drama de Vasco ilustra a vida de outros seres que estão à margem da sociedade porque não tem nenhum tipo de título ou patente. A angústia conduz essa personagem à aquisição de forma não conven-

cional do título de Capitão-de-longo-curso e das outras condecorações.

Nesse ponto da narrativa, Vasco Moscoso de Aragão esculpiu o seu duplo. No prisma de ser possuidor de uma realidade melhor que aquela reservada ao seu “original”. O duplo vai se construindo num estado delirante e ambivalente em que o outro, aos poucos, se desvela. Esse desdobramento promovido pela consciência do homem mostra as ameaças dos desejos individuais. Já que, como bem demonstra Bravo, “a perda do *eu* acompanha a coisificação alienante, a petrificação do *eu* num duplo” (BRAVO, 1998, p. 270).

Jorge Amado ironiza a sociedade burguesa. Coloca o leitor num ponto questionador, de diálogo com os acontecimentos insólitos da duplicidade dessa personagem. Sob tal ponto de vista, o escritor conduz o leitor a refletir sobre as máscaras que encobrem o homem que convive numa sociedade sob o signo do jogo dialético do “ser” *versus* “não-ser”. O conflito existencial do protagonista gerou o duplo, a “projeção da desordem íntima” (BRAVO, 1998, p. 263) e consumido pela ânsia da mobilidade social, adquiriu outra identidade, integrando-se a uma cultura global mantida por aparências. O duplo representa a antítese da personagem cuja vivência idealizada passou a ser venerada em prejuízo daquela existência anterior.

Seu Vasquinho se transmutou em “um velho marinheiro, sem navio e sem navegação” (AMADO, 2009, p. 141). Fantasizou-se com vestimentas e com costumes que não eram seus. Ao se transformar em capitão-de-longo-curso desligou-se da biografia de Vasco Moscoso, descendente lusitano, neto de comerciante de secos e molhados. O duplo revela a própria transformação, o que “implica uma certa ideia do homem como responsável pelo seu destino” (BRAVO,

1998, p. 262). De maneira que: escolheu a morte para o mundo e renasceu sob a forma de burguês intelectualizado que constituiu várias histórias de aventuras como escolha da vida verdadeira, a integração de outro universo. Encontrou, enfim, a honorabilidade burguesa, destacada no capítulo “De como se constroi um velho marinheiro, sem navio e sem navegação” (AMADO, 2009, p. 141).

Por conseguinte, as máscaras, o parecer ser, tem o poder de esconder ou transformar a vida de quem as usa, deixa de ser um enfeite para transmutar-se num atributo de burla, contribuindo, assim, para a formação do duplo. Muitas vezes o disfarce transforma a identidade de quem a possui. Vasco Moscoso, ao incorporar as atitudes de marinheiro, passou a ver a si próprio como um capitão de navio, como uma forma de navegação social. Utilizou o disfarce para que as pessoas não soubessem sua verdadeira origem. Consoante afirma Chevalier, “o símbolo da máscara se presta a cenas dramáticas [...] em que a pessoa se identifica a tal ponto com o seu personagem, [...], que não consegue mais se desfazer dela, que não é mais capaz de retirá-la, ela se transforma em imagem representada” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2005, p. 595), foi o que aconteceu à personagem em evidência.

Bakhtin compreende que a máscara é o meio pelo qual se traduz “alegria das alternâncias e das reencarnações, a alegre relatividade, a alegre negação da identidade e do sentido único, a negação da coincidência estúpida consigo mesmo” (BAKHTIN, 1999, p. 35), de forma a disfarçar ou mesmo encobrir a identidade de quem a usa. Por isso, está repleta de simbolismo, “a máscara é a expressão das transferências” (BAKHTIN, 1999, p. 35). Ao impulsionar a transformação física, escondendo a identidade, ela

renova o indivíduo, revigorando-o na vida social. As fronteiras que delimitavam quem as usa são diluídas, é como se a nova realidade encobrisse o seu portador, incorporando a ambivalência plena. Longe de ser apenas um adorno, ela executa uma função catártica ao libertar seu portador da estagnação habitual. Tal apetrecho, enfim, absorve e revive o indivíduo que a utiliza, de forma a dar-lhe uma referência social. Foi exatamente isso que aconteceu com o Vasco de *Os velhos marinheiros ou o capitão-de-longo-curso*.

O que temos então é uma história inteiramente inventada, por meio da poética do duplo. A verdadeira criação da representação que “o homem se faz, assim, de si mesmo é desdobrada”, como quer Chevalier & Gheerbrant (2005, p. 353). O *outro* se transmuta em máscara do *eu*, expressando o desdobramento infinito, como marca do ingresso a um desejo oculto. O duplicado concebeu a fantasia de agir no mundo exterior, contudo, o que aconteceu de fato, foi a simples objetivação do seu drama interior.

O Capitão-de-longo-curso Vasco Moscoso vivia o mundo de aventuras passado por Giovanni, antigo trabalhador com quem viveu no comércio do avô português. Dessa forma, as personagens secundárias no mundo do Comandante também eram seres mascarados, falsos marinheiros, falsas aventuras e falsos amores. A realidade ficcionalizada também se duplica, sofrendo as influências do Capitão, mesmo que a finalidade seja de satirizá-la.

O Capitão-de-longo-curso construiu uma imagem, trouxe o imaginário (da personagem) para o mundo da narrativa. Apresentou o duplo por meio de uma máscara, como forma da manifestação do desdobramento psíquico de um ser que já existia no inconsciente (*alter ego*). Percebemos um homem

“circunscrito por suas próprias figurações que o fazem tomar consciência de sua identidade para sempre alterada” (BRAVO, 1998, p. 271).

Para mais, toda duplicação corresponde a um desdobramento do mundo, ao lado da realidade, existirá a ficcionalidade. Vasco leva às derradeiras consequências as proezas da subjetividade dele. Não obstante, não inventou um futuro, esse já estava dentro de si. Todas as aventuras ouvidas foram apropriadas pela personagem, proporcionando a construção para si de um “mito vivente” (BRAVO, 1998, p. 267). Dessa forma, ascendeu na hierarquia social, graças ao desdobramento de uma criatura nascida de sua interioridade. Amado, de forma irônica e satírica, denuncia as injustiças sociais numa obra que se compromete com a preocupação de promover a crítica social.

O narrador heterodiegético é quem defende: “Quem muito viveu é assim: qualquer fato, paisagem ou face recorda-lhe algo do passado” (AMADO, 2009, p. 37), mesmo se o passado foi contado por outro, houve uma apropriação de memória, assim, se não existe um passado para ser recordado, ao contrário, existe para ser criado. Jorge Amado dá voz aos excluídos, aos sonhadores, e aos lutadores de um país dilacerado como o Brasil. Por esse viés, compartilhamos a análise de Bravo ao afirmar que o mito do duplo “converte-se na metáfora da relação com o mundo” (BRAVO, 1998, p. 271).

A conexão com o mundo foi firmada não só pela aparência ou pelo título, mas também pelas atitudes, ou seja, como quer Bakhtin (1999, p.70) na inversão das hierarquias aconteceu no ato de “trocar de corpo”, na própria “renovação das vestimentas e da personagem social”. O Capitão ao aportar em Periperi, trouxe consigo instrumentos náuticos misteriosos que fascinavam os mo-

radores. Os mapas, o cachimbo “de espuma do mar, trabalhado: a boquilha representando pernas e coxas nuas de mulher, a pipa moldando-lhe o busto e a cabeça” viraram grandes atrações no pequeno vilarejo beira mar (AMADO, 2009, p. 22).

Destarte, Vasco Moscoso ostentou um status social com a finalidade de pertencer a uma sociedade fragmentada. A essa altura, o leitor, já percebeu que a vida da personagem é preenchida pela capacidade de sonhar e de encantar com os seus relatos, lembrando aos leitores que os sonhos são indispensáveis ao equilíbrio da sociedade.

Vasco permanecia horas idealizando sua projeção na vida social, “sonhava, pois o sonho é livre, consolo de um momento ruindo ante a dura realidade” (AMADO, 2009, p. 108). Seus sonhos não representavam a fuga, pelo contrário figuravam a busca pela liberdade, como completa do narrador: “Rompia e despedaçava o sonho, que é a liberdade do homem, a que jamais pode ser domada, oprimida ou roubada, aquela que é seu último e definitivo bem” (AMADO, 2009, p. 112). O sonho o redime e o alimenta. Por conseguinte, na ambiguidade realidade X fantasia, a personagem se constrói como um ser universal. Nesse ponto, entendemos, como Bravo, que “num universo de crise de identidade, o sonho, [...] é mais verdadeiro” (BRAVO, 1998, p. 285).

O encerramento da narrativa é o cume da paródia social, em que coloca em evidência toda a estrutura do recurso literário do duplo. No curso do romance, aconteceu que um Ita atracou em Periperi, precisando de um comandante para conduzi-lo até em Belém, pois o Capitão havia falecido. Vasco acabou por aceitar a tarefa. Ao chegar no porto final, o comando para atar o navio ao cais com todas as amarras, mesmo em tempo firme sem nenhum prenúncio de tempestade,

causou grande espanto aos olhos dos marinheiros encarregados. Tal ordem confirmou o desconhecimento das leis marítimas por parte do Comandante Vasco Moscoso de Aragão. Contudo, eis que naquela noite, recai sobre a cidade uma enorme tempestade e o único navio a permanecer intacto foi o do Capitão-de-longo-curso.

É assim que a vida do “Comandante passa a assemelhar-se às estórias que ele desenvolveu ao longo do curso de seu destino”, afirma Fábio Lucas no posfácio da obra (AMADO, 2009, p. 278). O duplicado consegue unir o ideal imaginado à sua vida romanceada. Percebemos, então, a representação de uma personagem em duas, que não se parecem, mas que são complementares. Já não importa o que é verdade ou não. Dessa maneira, o mito se funde ao real, rompe o limite do imaginário não como um reflexo do “eu”, mas como uma extensão do fantástico que se completa na criatura. O pequeno burguês conquistou, “na sua segunda ‘verdadeira vida’, real ou fantasmática, uma mobilidade sinônima de liberdade” (LUCAS, 2009, p. 207).

O narrador-personagem, contudo, permanece incrédulo, ante a versão de Chico Pacheco da biografia de Vasco Moscoso. Prefere ser o porta-voz da versão dos admiradores do Capitão. É justamente no encerramento da narrativa que as duas personagens, Vasco Moscoso e o duplo, aparecem sobrepostas, mas entrelaçam sob o domínio do fantástico e do sobrenatural para dar outro sentido à história. Os sonhos se concretizam e se eternizam. Araújo advoga que Vasco “exerce a épica do sonho duramente conquistado [...] é o herói apesar dos ardis da sorte e da inveja [...] as forças do sonho salvam o (anti-) herói [...] desce da ordem falsa para o mito e, pelo mito se salva” (ARAÚJO, 2003, p. 174).

É sob o ponto de vista do narrador heterodiegético que o leitor toma conhecimento da integração do Capitão-de-longo-curso na elite social burguesa, com toda honra e glória devida a um verdadeiro herói, conquistando até mesmo os rivais. Recebeu inúmeras condecorações pelo feito náutico realizado e, por fim, apagou qualquer traço de dúvida na sua imaculada honra. O duplo, então, passa a representar a incorporação de um caráter, a nova personalidade necessária para a vida no plano da sociedade.

O escritor baiano juntamente com o narrador heterodiegético cria uma personagem astuta que construía o imenso acervo de histórias nascidas das experiências alheias. Semelhante às personagens do romance de aventuras, as quais se alegram em contar seus perigos, lutas, amores e tragédias. Vasco Moscoso representa a grande capacidade de convicção do discurso, que na análise de Fábio Lucas “dá nascimento à imitação do mundo real”(LUCAS, 2009, p. 277; 279).

O que mais causa admiração nessa narrativa é a presença da utopia. O espaço onírico surpreende o leitor ao revelar a possibilidade de uma sociedade diferente, com maior integração dos excluídos. Vasco Moscoso de Aragão incorpora uma personagem com o único objetivo de integração social, para tanto, se transmuta, molda-se ao sabor burguês e por meio de suas fantásticas aventuras marítimas o Comandante muda a sociedade de Periperi. É como se houvesse uma simbiose, uma espécie de associação íntima de elementos. Assim, o personagem duplo apresentou um simbolismo significativo na história, como uma metáfora para a dualidade humana.

Conclusão

Portanto, o que temos é que em *Os velhos marinheiros ou o capitão-de-longo-curso*,

Vasco Moscoso constrói um duplo onírico capaz de assemelhar-se ao burguês. Jorge Amado, portanto, como escritor engajado ao seu tempo e contador de histórias, gerou uma personagem que não conseguiu viver a vida plenamente, no sentido de não aceitar a limitação humana. Decorre, então, a superação das dimensões do consciente e penetrou no “eu” profundo do “alter ego”.

A personagem que poderia ser julgada como louca, alucinada, mas o autor baiano transforma-a em protagonista, com direito de perseguir sua fantasia. Vasco é redimido pelo desejo que carregou pela vida, do sonho, flui, então, a suposta realidade das personagens. As fantasias adquirem, para Bakhtin (2011), o viés aventureiro da personagem que é a motivação interna, retratando sua filosofia cujo papel é o de provocar a experimentação da verdade.

Nesse caminho o escritor com humor sagaz constrói reflexões sociais. A personagem onírica é afirmação da verdadeira entidade revolucionária movimentada pela resistência de lutar em propósito do reconhecimento das figuras periféricas. Por isso, segue em direção ao fantástico e até mesmo ao absurdo. A vida dupla é a oportunidade dessa personagem vivenciar seus desejos com suporte no uso da fantasia e da máscara.

Por fim, de maneira exemplar a autenticidade de Jorge Amado fez cumprir as duas propriedades da literatura: a primeira de imitar os ingredientes da realidade (*mimese*); a segunda (*poiese*) de agregar por intermédio da linguagem, novos componentes criadores.

A vasta produção ficcional de Jorge Amado confere continuidade e aprofundamento a um projeto literário, por meio de personagens que delineiam o pensamento e o modo de vida brasileiro. Embora, alguns críticos dividam-na em fases, compreendemos que

falar sobre o povo e a cultura brasileira sempre esteve no cerne de vontade criativa do autor, cujo estilo debochado característico, sempre presente nas obras, ganhou novo realce com *Gabriela, cravo e canela*, 1958, uma forma política de perceber a sociedade. Amado mostrou a Bahia ao mundo, com seus problemas, mas também com sua magia e encantos, como uma forma de fazê-la conhecida tanto para os brasileiros como para os estrangeiros.

Enfim, vemos que a história do Capitão-de-longo-curso termina no compasso da alegria e da satisfação do sonho realizado. Por detrás desse modelo narrativo humorístico Jorge Amado provoca a reflexão da sociedade burguesa hierarquizada da primeira metade do século XX.

Referências

AMADO, Jorge. **Os velhos marinheiros ou o capitão-de-longo-curso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ARAÚJO, Jorge de Souza. **Dionisio & Cia. na moqueca de dendê: desejo, revolução e prazer na obra de Jorge Amado**, Rio de Janeiro: Relume. Dumará: Salvador, BA: Academia de Letras da Bahia, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**; Tradução. Paulo Bezerra; 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**; Tradução. Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1999.

BRAVO, N. F. **Duplo**. In: BRUNEL, P. (Org.). **Dicionário de mitos literários**. Tradução de Carlos Sussekind et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.p. 261-287.

CAILLOIS, R.. **Fantastique**. In **Dictionnaire des genres et notions littéraires**. Paris: Encyclopedia Universalis & Albin Michel. 1997. pp. 289-299

CARREIRA, Shirley de S.Gomes. **A (des)construção da identidade nos romances de José Saramago**. *Jornal: LUCERO*. Volume 13. 2002. ISSN 1098 – 2892. p. 103 – 113 Acesso em 01/08/2018.

Disponível em <https://escholarship.org/uc/item/Ozk6n2mk>

CANDIDO, Antonio. **A Personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

FREUD, Sigmund. **O Estranho** (1919). In: *História de uma neurose infantil*, Vol. XVII, Rio de Janeiro: Imago, 2007.

JUNG, C. G.. **O eu e o inconsciente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LUCAS, Fábio. **A contribuição Amadiana ao romance social brasileiro. Caderno de Literatura Brasileira**, Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, nº3, março de 1997. p. 98-119.

_____. **Os poderes da imaginação**. In AMADO, Jorge. *Os velhos marinheiros ou o capitão-de-longo-curso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 273-279.

PORTELLA, Eduardo. **JORGE AMADO, a sabedoria da fábula**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011.

ROSSET, Clément. **O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão**. Porto Alegre: L&PM, 1985.

Recebido em: 14/04/2023

Aprovado em: 10/06/2023



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.